País trava batalha para vencer tabus e combater a AIDS

Governo lança ofensiva para esclarecer a população sobre os riscos da doença e para combater o preconceito e desinformação

Jamil Chade
NAGPUR / MAHARASHTRA

A chegada da Aids e das drogas força a tradicional sociedade indiana a enfrentar realidades ignoradas por décadas. Grupos de risco como homossexuais, viciados e prostitutas hoje precisam receber atenção do governo para garantir que a aids e o consumo de drogas sejam contidas e não se transformem em um problema de grandes proporções num país com 1,2 bilhão de pessoas.

Diante da ameaça, esses grupos já começam a merecer atenção nos programas do governo e ganham reconhecimento de seus direitos pela primeira vez.

O primeiro caso de Aids no país foi identificado em 1986. Mas apenas em 2004 é que o governo implementou um programa de distribuição de remédios, com recursos do Fundo Global contra a Aids, tuberculose e malária. Hoje, a estimativa é de que 2,3 milhões de pessoas estejam afetadas.

Nas áreas remotas, os obstáculos para tratamento da Aids começam pelos mitos criados em torno da doença. Na empoeirada cidade de Ballarpur, no centro da Índia, a reportagem do Estado acompanhou uma reunião entre caminhoneiros e assistentes sociais. Os motoristas são tidos como um dos vetores da transmissão da doença e são alvo de uma campanha. O motorista Ramesh, 25 anos, estava em sua primeira aula sobre a transmissão da Aids e mesmo depois de receber a informação, admitiu que não gosta de ficar perto de alguém com a doença. "Tenho medo", disse, insistindo que sabe distinguir quem tem ou não a doença apenas olhando para os olhos da pessoa.

O segundo problema é a falta de confidencialidade. Um paciente de Aids tem logo seu status revelado, supostamente como forma de proteger o resto da população. Poucos, portanto, se arriscam a assumir a doença.

Para completar, curandeiros oferecem tratamentos de todos os tipos. Upasna Agarwal, médica de um dos hospitais públicos de Nova Delhi, alerta que recebe dezenas de pacientes que sofreram nas mãos de curandeiros. "Essas pessoas tem ampla influência", disse. "80% das pessoas com Aids na Índia sequer sabem que têm a doença. Um de nossos trabalhos é convencê-los a iniciar tratamento", afirma.

Um dos fatores que começou a mudar a realidade foi o tratamento oferecido gratuitamente pelo governo a partir de 2004. "A população não via motivo para declarar que tinha Aids, pois havia medo de exclusão na sociedade", explicou o chefe do programa de Aids.

No centro de distribuição de remédios de Ballarpur, várias são as mulheres que foram expulsas de casa depois que seus maridos morreram de Aids. Ela são tidas como as responsáveis pela doença, mesmo tendo sido, na maioria dos casos, contaminadas pelos maridos.

Hoje, apenas 30% das pessoas que precisam de tratamento recebem os remédios grátis. "Muitos deixam religião, mitos e medos de lado e querem sobreviver", diz o chefe do Programa.

Homossexualismo. A nova realidade indiana exigiu mudança nas leis e valores de pelo menos parte da sociedade. Até 2009, o homossexualismo era considerado um crime. Com a necessidade de garantir que essa população seja atendida, o Ministério da Saúde e ativistas conseguiram modificar a lei.

Na praia de Juhu, em Mumbai, onde trabalham mais de 50 garotos de programa, Krischna, um dos líderes do grupo, conta que oferece serviços de 'massagem e outros prazeres'. Cobra entre US$ 2,00 e US$ 20,00. Conta que recruta meninos de seu vilarejo. Na estação de trem de Andheri, também em Mumbai, grupos de garotos esperam por seus clientes, enquanto são instruídos pela instituição Humsafar Trust sobre seus direitos e sobre os riscos da Aids. A entidade, que recebe recursos do Fundo Mundial contra a Aids, vem conseguindo frear a violência contra prostitutas e homossexuais e denuncia que os próprios policiais da região da estação de trem são também consumidores dos serviços prestados pelos garotos.

O diretor da ONG, Ashok Kavi, conta que muitos dos garotos estão na profissão "por questões econômicas e para ajudar suas famílias". Kavi foi um dos primeiros a declarar sua homossexualidade na Índia, há quase trinta anos. Mas admite que poucos declararam sua opção sexual em um país tão conservador.

No Ministério da Saúde, a constatação é de que outro obstáculo é a reação de partes da sociedade contrárias à proposta de incluir na agenda escolar aulas sobre sexualidade. Apenas 8% da população indiana usa preservativos. Para completar, a Índia está sendo obrigada a lidar com as drogas, um fenômeno considerado recente. Num centro de distribuição de seringas em Nova Delhi, indianos lamentam que só agora, em 2010, começam a receber ajuda.

Além dos tabus, a Índia logo enfrentará mais um desafio: o dos custos do tratamento da Aids. Hoje, o tratamento mais barato custa em média US$ 100,00 por pessoa por ano. "Não podemos pagar por tudo, não há nem o dinheiro e nem o pessoal necessário", afirma a secretária de Saúde. A estratégia é dar prioridade a campanhas educativas para evitar uma proliferação ainda maior.

Número de miseráveis já passa de 410 milhões

● Para o mundo, a estratégia do governo indiano é a de mostrar que o país cresce a taxas surpreendentes. Mas dados oficiais indicaram que o número de pobres no país é bem maior do que se imaginava. Em 2009, a Índia contava com 410 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, com renda abaixo de US$ 1,25 por dia. O número é 100 milhões a mais do que se imaginava em 2004.

Em 2004, 27,4% da população era considerada miserável. Hoje, o porcentual é subiu para 37,2%. Na prática, um a cada três indianos não tem recursos suficientes para pagar por uma refeição completa para suas famílias por dia. Um terço da população mundial que ganha menos de US$ 2 por dia vive na Índia.

Hoje, 40% da população indiana pode pedir subsídios para se alimentar. Outro desafio da população é o acesso à saúde. O governo indiano gasta apenas 1% do seu PIB em instalações de saúde pública. Segundo a entidade Oxfam, o resultado é que milhões de pessoas são obrigadas a buscar remédios com seus próprios recursos.

JAMIL CHADE/AE

Formação. Caminhoneiros em aula sobre AIDS em Ballarpur: informação é principal remédio

Atraso educacional afeta avanço na economia

O economista Maurício Moreira Mesquita, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) lança nos próximos dias o livro 'India: Latin America next big thing'. Em recente entrevista ao Estado, ele relatou que os indianos ainda dependem muito da agricultura para empregar a população. E enfrentam restrições para vender manufaturados: infraestrutura ruim, leis trabalhistas restritivas e um problema educacional sério.

O economista defende que o Brasil tem que 'fazer o dever de casa' para evitar que se repita no comércio com a Índia o padrão chinês – venda de commodities e importação de manufaturados. Para o economista, o Brasil tem hoje mais condições de vender produtos industriais para a Índia do que para a China. "Os chineses já abriram um hiato tão grande de vantagem competitiva que é muito difícil correr atrás", afirma.

Ele aponta algumas das razões pelas quais o comércio entre Brasil e Índia não deslancha: "As tarifas indianas para produtos agrícolas são exorbitantes", afirma ele. "Apesar da liberalização comercial por que passou a Índia, a média das tarifas sobre as exportações agrícolas da América Latina é de 60%, com picos de 120%. Outra questão é o transporte deficitário, por falta de infraestrutura. O custo do frete é tão alto quanto o das tarifas".

PONTOS-CHAVE

● Infraestrutura
A índia precisa de investimento de US$ 1,4 trilhão em infraestrutura até 2017, para superar gargalos e crescer de forma sustentável

● Renda
410 milhões
de indianos vivem abaixo da linha da pobreza, com rendimento inferior a US$ 1,25 por dia

● Indústria automotiva
A Índia já ocupa a oitava posição entre os maiores produtores de veículos do mundo, com 2,2 milhões de unidades. Brasil está em quarto lugar, com 3,2 milhões de unidades

Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 29 abr. 2010, Especial Índia, p. H5.